

ALGUNS ASPECTOS DA FISIONOMIA SOCIAL DA AMAZÔNIA NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX

CARLOS STUDART FILHO

Quando se aluqe à Amazônia Brasileira, pretendendo recordar a distante era de fausto, ostentação e desperdícios que foi, ali, a do apogeu da borracha, é de uso invocar-se, invariavelmente, o hábito, que seria então vulgar no Grande Vale, de acenderem-se charutos com cédulas de mil cruzeiros.

A prática extravagante e abstrusa tem sido, por muitos escritores, considerada até o sinal por excelência representativo dessa efêmera Idade de Ouro, surgida espúria em plena selva equatorial do Novo Continente.

Se difícil é, na verdade, a interpretação de uma época, através da análise de seus aspectos e maneiras de ser, mesmo para pensadores de alto quilate, bem mais intrincada e afanosa será, sem dúvida, a tarefa de eleger, dentro das múltiplas e variadas características de uma sociedade humana em marcha acelerada para formas mais complexas de vivência, aquela que melhor sirva a distingui-la e individualizá-la.

Daí o erro em que incidem êsses apressados homens-de-letras.

Sucesso sobrevivendo, talvez de maneira ocasional, em noites alegres, folganças bulhentas de cafés ou em pândegas rui-

nosas de alcoices, tal desregramento, em verdade, nenhum significado especial reveste. Serviria, quando muito, para mostrar que, na Hiléia amazônica, como por tôda a ecúmena, viveram pessoas de mau gôsto, alouçadas e de fáceis e esdrúxulas manifestações de entusiasmo; nunca a simbolizar os hábitos mundanos do povo que ali habitou, naquele instante fugaz de esplendor material.

Invocando o secundário, o acessório, relegam-se, dêsse modo, ao olvido, fatos, em nosso entender, capazes de mostrar, com maior objetividade, interessantes ângulos da fisionomia sócio-e-conômica daquela gente aventureira que reproduziu, com lances ainda mais heróicos, em pleno século XIX e no dealbar do seguinte, a epopéia do nosso bandeirismo seiscentista.

A análise de tais fatos serviria, outrossim, a evidenciar algumas das fortes tendências psicológicas dos grupos sociais ali formados e, em particular, daqueles mais favorecidos da fortuna. Valeria, ainda, como elemento subsidiário para pôr em relevo a maneira de ser, o nível artístico e cultural dêsses mesmos grupos, ao tempo em que o ouro negro irradiava, pelo orbe inteiro, o seu irresistível fascínio.

Antes, porém, de empreender a tarefa que nos propusemos de descrevê-los e estudá-los, devemos recordar que os primeiros feitos de ocupação produtiva da Amazônia brasileira remontam aos tempo da Colônia; ligam-se, portanto, à velha história da colonização portuguesa. Não têm, para nós, interêsse algum imediato porque, em grande parte, fracassaram lamentavelmente.

Também os paulistas, êsses furadores de sertões e plantadores de cidades, poucas marcas deixaram de suas dramáticas e sinistras peregrinações pela baixada verdoenga e úmida, onde, muitas décadas antes, já aventureiros espanhóis, descidos dos Andes, haviam passado em suas correrias rápidas, buscando o Eldorado.

O movimento migratório que, em verdade, dominou as terras virgens e exuberantes do Vale, despejando nêle multidões

inumeráveis de trabalhadores braçais, teve sua fase prodromica nos primeiros dias do Segundo Reinado. Intensificou-se, porém, sobremaneira, com a seca do Ceará de 1877 e o aumento súbito do preço da borracha.

Condicionadas em grande parte, às calamidades climáticas que assolam chãos nordestinos, deixando vincos indeléveis na sua economia agrária, a marcha da penetração amazônica se processaria, daí por diante, através de lances sucessivos, numa seriação descontínua de vagas humanas que crescem ou minguam ao sabor das crises sazonárias determinantes.

Foi como se um exército inumerável de criaturas andrajosas e macilentas, avançando por escalões cerrados, intentasse expugnar a selva horrída e nela plantar uma nova civilização nacional.

Nem sempre eram, porém, os imigrantes nordestinos que demandavam os ermôs amazônicos aquêles retirantes esqueléticos cuja tormentosa jornada até às paragens ínvias dos seringais distantes não desejamos invocar. Correndo após a fugidia miragem de uma Canaã, prometida por agenciadores de braços, sa-gazes e bem falantes, passaram às terras feracíssimas do vale imenso sertanejos audaciosos e fortes que em nada lembravam “esta gente fisiologicamente falida e devastada pela miséria” de que nos fala Araújo Lima, com tanta irreverência.

Não acorriam à Amazônia brasileira unicamente êsses nordestinos, ansiosos por trocarem as asperezas da gleba nativa, não raro desolada e sáfara, pelas blandícias de uma região geográfica de que ouviam dizer tantas maravilhas; pobres seres a quem a floresta virgem recebia como intrusos, esmagando-os com a sua exuberância biológica e grandeza espacial. Propelidos por irresistíveis anseios de enriquecimento fácil ou em busca da fama que lhes negava o berço, ali vinham ter, também, estrangeiros audazes e brasileiros de brilhante inteligência e, não raro, de aprimorada cultura acadêmica.

Euclides da Cunha, em “Contrastes e Confrontos” (Pôrto, 1917, pág. 213, assegura até que, várias décadas antes da épo-

ca a que nos reportamos, já pelos idos de 1887, “Alfredo Marc encontrara, nas margens do Juruá, alguns parisienses, autênticos parisienses, trocando os encantos dos **boulevards** pela exploração trabalhosa de um seringal fartíssimo.”

A grande bacia potamográfica transmudara-se, então, em paraíso para os naturalistas viajantes, êsses “caçadores de glórias e de perigos” que o amor ao estudo e a curiosidade científica impeliavam para os chãos ainda misteriosos do Continente Sul-Americano.

Chamada “terra incógnita” até meado do século XIX, quando Agassiz a perlustrou, era realmente aquêlo trato feraz do espaço brasileiro uma equação de muitos valores desconhecidos que sábios, artistas ou humildes buscadores de riquezas florestais iriam encarregar-se de evidenciar e fazer conhecidos do Mundo Ocidental. À planície sem fim chegaram, com efeito, em visita estipendiada pelos governos bávaro e austríaco, Carlos Frederico von Martius e João Batista von Spix (1817-1820), sábios que revelaram aos brasileiros tantos aspectos interessantes do Brasil e de seus habitantes.

O prodigioso Humboldt, que estêve na Venezuela, em viagem de estudo, não desceu ao “deslumbrante palco”. Detido em S. Carlos, sob a vaga acusação de crime de espionagem, viu-se constrangido, pelas autoridades portuguesas, a refazer a viagem que, pelo Negro, empreendera até aquela vila fronteiriça.

Dos rebordos andinos, pressentiu-lhe, porém, as possibilidades geo-econômicas e se sentiu autorizado a lhe vaticinar as maiores grandezas do Universo. À terra imatura que a natureza ainda hoje intenta plasmar, através de incessantes e frustrados trabalhos de colmatagem e aluvionamento, seria um dia — no conceito do insigne sábio teuto — o celeiro do mundo e nêle, mais cedo ou mais tarde, se haveria de concentrar a civilização do Globo. A profecia auspiciosa, amiúde relembrada, em discursos, pelos nossos inflamados tribunos políticos e acadêmicos, desperta sempre, nos corações brasileiros que os

ouvem, mal contidos frêmitos patrióticos e nacionalistas e lhes aparece como promessa formal de nossa próxima redenção econômica. Não vamos ao arrepio da opinião geral. Aceitamos, como verídicos os augúrios do venerando autor do "Cosmos". cremos, todavia, que a visão radiosa daquele alemão imortal só se concretizará daqui a milênios, quando o gêlo envolver, como um sudário, a Terra moribunda, obrigando a humanidade, ameaçada de extermínio, a buscar refúgio sob o arco crescente do nosso Equador.

Mais perto de nós, excursionaram pelo Grande Vale Krus-tein (1825), Castenau (1843-1847) e Alfredo Wallace, o naturalista inglês para quem se reivindica a co-autoria da hipótese darwiniana da origem das espécies. Vieram, a seguir, Guilherme Chandless, o explorador famoso que deixaria o seu nome perpetuado na toponímia local, Walter Bates e Carlos Hartt que, com seus ajudantes, percorreu a baixada em vários anos sucessivos da década de 70, revelando alguns de seus tesouros arqueológicos. Alongaram, ainda, os olhares percucientes sobre as infinitas várzeas amazônicas Henri Coudreu, passado, em 1895, ao serviço do governo do Pará; Paulo von Erhenreich, Carlos e Guilherme von den Stein (1880), que tanto impulso deram à sistemática dos nossos índios; Orville Derby, geólogo de grande renome, Katzer, H. Smith, Emília Snethlage, Emílio Goeldi, Paulo le Cointe, sem falarmos em nossos patrícios João Barbosa Rodrigues, José de Freitas e outros, todos viajantes destemerosos e de teor cultural quase sempre não inferior ao de seus colegas europeus.

Em época ainda mais recuada, aí estivera Alexandre Rodrigues Ferreira, o baiano ilustre que, em pleno século XVII, chefiou a primeira missão científica destinada a estudar a Amazônia e que tão cuidadosamente perlongou as ribas do Negro e do Branco.

Tudo isso fez dizer ao autorizado Raimundo de Moraes, no prefácio ao seu livro "Meu Dicionário das Cousas do Amazonas" (pág. 7), que "a Amazônia é o trecho do planêta mais percorrido

pelos sábios” e que “para ali rumam finas inteligências de investigadores e expedições de naturalistas”, frases, sem dúvida, de muito conteúdo histórico, mas de pouca vibração sônica para ser escrita por alguém cuja preocupação obsidente parece ter sido imitar, em seus escritos, o famoso estilo encipado de Euclides.

* * *

Em inícios do século, o dinheiro na Amazônia era abundante e fácil; um quilo de borracha valia uma libra-ouro e, por isso, pelas mãos dos mais espertos e diligentes correm somas avultadas. Mas só amealhando, lograva alguém a desejada abundância, pois muitos são ali os altos e baixos da vida e vários os meios de esbanjamento postos ao alcance dos ingênuos e perdulários. Quantos humildes seringueiros, vindos dos altos rios para uma visita à família deixada na terra natal, se viram despojados de sua maquia por indivíduos inescrupulosos ou pelas mãos ávidas de proxenetas e cocotes de ínfima classe. Os instintos, exacerbados por longa privança de companhia, faziam das mulheres fáceis o centro dos enleios dêsses egressos da floresta e a sua maior inquietação. Para oferecer holocausto a Vênus eram capazes de tôdas as loucuras...

Quem teve ocasião de ler os “Deserdados”, de Carlos de Vasconcelos (Rio, 1921) e, sobretudo, a tôrva história de Mateus, fàcilmente se dará conta do que era, para os homens enclausurados no seio da mata virgem, o problema da fêmea.

Mas não apenas na cidade, para êle imensa e desconhecida, senão também em plena selva, cenário de seu mourejar silencioso, é o seringueiro vítima de criaturas sem escrúpulos. Assim, roubam-no arditamente patrões gananciosos; exploram-no os representantes das classes liberais, médicos, farmacêuticos, advogados, etc., que por lá aparecem para lhe prestar assistência profissional; enganam-no os “mansos” e os capata-

zes dos barracões de beira-rio, quando êle aí se vai prover do indispensável sustento; burlam-no, por fim, os próprios sacerdotes, batizando crianças no ventre materno e casando, pelo rumo, como, entre nós, usam os charlatães curar, pelo rastro, as bicheiras do gado.

No próprio **tijupá**, onde lhe decorre precariamente uma parte da existência aventureira e tumultuária, o atinge a garra do especulador roaz; até lá chega, com efeito, a galeota em cujo bôjo viaja o regatão maneiroso e intimorato. Negociando com tudo que é mercável e abusando, à larga, de sua boa fé e de sua ignorância, o comerciante clandestino o despoja do fruto do seu trabalho, dando-lhe, em troca, muitas vêzes, bugigangas desnecessárias ou de pouca utilidade imediata. Em troca da pele da borracha que deveria ir às mãos dos donos dos seringais, fornece-lhe, o barqueiro metedigo, as coisas mais disparatadas: da oleografia, com a efígie de um santo padroeiro, até o querosene que é, aliás, ainda hoje, indispensável à vida do homem da floresta.

Contra essa criatura anônima e forte, que arranca à mata as veladas riquezas que deverão constituir um dos pilares máximos da grandeza econômica da Pátria, há um conluio implícito. O homem, seu igual, e a natureza que o circunda e que lhe é também declaradamente hostil, unem-se, numa combinação anômala de forças, para aniquilá-lo física e financeiramente.

Contra êle, contra aquêle trabalhador indefeso, arremetem tôdas as pragas da terra. Atacam-no os esvoaçantes e famintos catuquis, os piuns e as carapanãs, transmissoras das mais variadas enfermidades físicas. Vitimam-no as espécies hostis que integram a fauna dos igarapés, dos banhados e rios, piranhas edazes e puraquês coleantes, lerdas sursoris e sáurios gigantescos de olhos protuberantes e malignos. Perseguem-no, igualmente, os felídeos traiçoeiros que rondam os recantos da floresta maldita. Sobre êle investem, outrossim, as tribos nativas que pervagam errantes e inúteis pela amplidão verde.

As múltiplas hostilidades mesológicas ajuntam-se os percalços próprios a um trabalho realizado em atmosfera saturada de vapores d'água e sob a soalheira candente e depressiva. Sofre os efeitos deletérios de uma alimentação sobremaneira defeituosos. Matam-no as ptomáinas das carnes e dos peixes deteriorados, aniquilam-no as toxinas do *bacillus botulinus*, o germe letal que se aninha nas conservas mal confeccionadas e lhe são servidas durante as intersafras. Sucumbe, ainda, sob os efeitos tardios das farinhas alteradas pelo bolor e pela umidade e ingeridas sob a forma de **chibé**, mingau de ínfimo valor nutritivo.

Sua existência semelha, por tudo isso, em muitos dos seus aspectos, à do camponês europeu que viveu debaixo do regime administrativo dos barões feudais, quando a servidão era um instituto corrente de todo o mundo civilizado. Poder-se-ia, talvez, comparar-se-lhe, ainda com precisão, à trágica existência do drama vivido pelas tartaruguinhas que, ao sol da manhã, deixam as covas, onde nasceram, em busca dos seus domínios subaquáticos.

Mal surdem das areias as primeiras levadas dêsses pequeninos sêres coraçados, coalham-se as praias de predadores que, tangidos do imo da floresta pela fome, chegam apressurados para o triste banquete.

Sôbre as árvores próximas, pousam aves-de-rapina, prontas para o ágape sinistro e, nos ares, esvoaçam piando àsperamente gaivotas famélicas. Alguns **testudos** mais velozes escarparam aos perigos terrestres. A estas esperam, porém, ao rés das águas, a bocarra hianta de peixes vorazes e a goela espinecente dos jacarés, moradores da vasa.

Na hora da comezaina, as espécies carnívoras esquecem as mútuas inimicícias e ali se ajuntam e se irmanam para a obra comum de destruir aquêles ágeis e minúsculos quelônios.

Como nas distantes savanas da África, nos períodos de largas estiagens, existe o armistício da sêde, tácito convênio de respeito recíproco entre animais sedentos que buscam os últi-

mos manadeiros, também em certos recantos arenosos das beiradas amazônicas, vigora pois a trégua do bródio.

Mas, nem tôdas as tartaruguinhas sucumbem à gula de tantos e tão poderosos inimigos. Sendo seu número praticamente infinito, algumas devem necessariamente escapar e sobreviver. A natureza precisa dêles para repovoar os rios e lagos que a mão imprevidente do homem teima em armar de sua fauna.

A maneira dos frágeis quelônios que sobrevivem, silvícolas há que enfrentam com vantagens as contingências do meio ambiente, triunfam e chegam a relativa abundância. São os vencedores. Dêstes, alguns retornarão aos primitivos lares; outros permanecerão na terra, onde passarão, não raro, de seringueiros a seringalistas e irão, por sua vez, com doloroso espanto daqueles que os conheceram sem vintém, explorar o braço escravizado de compatriícios menos felizes.

* * *

Depois de fazer fortuna ou apenas bem situar-se na escala dos valores humanos do momento, uma ambição nova e perfeitamente natural empolga e espicaça o imigrante triunfador: gozar a vida, com o justo prêmio de seus rudes labôres e ingentes sacrifícios. Aos estrangeiros ricos ou simplesmente remediados, atormenta o desejo de regressar à Pátria, onde poderão dar-se a pequenas atividades produtivas ou apenas mergulhar na ociosidade bem aprovionada. Uns comprarão, nas cidades mesmas onde nasceram e de onde partiram pobres, vendas principescas, palácios históricos, mansões senhoriais; outros alcançarão por dinheiro a posse de grandes propriedades rurais, fazendo-se gentis-homens campestres. Todos adquirirão hábitos de fidalguia, mas não polimento próprio aos aristocratas de sangue.

Narra-se que certo lusitano, enriquecido na Amazônia — brasileiro, chamar-lhe-ia, por certo, o mordaz Camilo, que a esta casta de gente tanto zurziu, em seus romances, pessoa de

opulentíssimos haveres, mas de minguado traquejo social, de volta aos chãos originários, fêz-se dono de belíssima residência lisboeta e nela se aposentou. Tinha um mordomo francês a dirigir a sua copa e, para dar provas mais cabais de seu bom gosto, riqueza e elegância, mandava que lhe fôsem servidas as refeições por criados de casaca, pondo-se, êle próprio, à mesa, de pijama e pantufas chicheladas.

Aos nossos patrícios, de ordinário menos providentes em matéria de pecúnia, embalam ambições menos prosaicas: querem simplesmente viver, "gozar os encantos das sensações e das emoções", emoções novas, sensações apenas imaginadas ou entrevistas em sonhos.

Idealizam, por isso, viagens sentimentais a países de neves eternas: Suíça, Alpes da Baviera, Áustria, com suas estações minerais e têrmominerais; alguns pensam em chegar aos países nórdicos; a grande maioria contentar-se-ia, porém, em ver Paris, percorrer a Espanha e Portugal, peregrinar pela Itália e Alemanha do Norte ou, apenas, fazer uma visita turística à velha Albion, então dona incontestável dos mares, senhora de um império capaz de rivalizar com o de Carlos V, aquêlo Imperador celebríssimo cujas terras eram tantas que sôbre ela jamais se punha o Sol em sua intérrmina derrota pelo espaço.

Ir, pois, à Europa, embriagar-se de amor ou embeber-se de arte, era a suprema aspiração da maioria. Pretendem uns, em ali chegando, visitar metrópoles milenárias, onde cada pedra tem a sua história e cada recanto lembra uma crônica de amor ou uma página de heroísmo; contam outros contemplar, das janelas de um trem de luxo, furando célere campinas e vales, panoramas que o rodízio das estações torna sempre novos e o labor de sucessivas gerações de trabalhadores emoldurou em horizontes disciplinados; visão sobremaneira repousante para os olhos aféitos ao trato das tonalidades cruas e agressivas em que se envolvem ordinariamente as terras equatoriais do Novo Mundo.

Outros ainda pensam em desfrutar as doçuras da vida noturna das grandes cidades, com seus cafés resplendentes e cheios de sonidos e de côres, suas revistas frascárias, seus **can-cans**, então considerados o suprassumo da impudicícia, em matéria de danças libertinas. Tinham êstes meros intentos brejeiros. Há, porém, os que desejam passar ao Velho Continente por motivos mais sisudos. Anelam impregnar-se de cultura, conhecer os grandes mestres do pensamento universal, privar com artistas, escritores célebres, polir-se, enfim, ao contacto de uma civilização multissecularmente requintada.

Viajar era, então, emprêsa fácil e ao alcance das bolsas até as medianamente providas, porque a Amazônia mantinha relações amiudadas e diretas com os maiores centros portuários do Mundo Ocidental.

Apresilhava-a às grandes cidades marítimas da Europa e dos Estados Unidos numerosa frota de magníficas embarcações a vapor, pertencentes a duas companhias rivais: uma, inglesa, a Booth Line; outra, alemã, a Hamburg Sud Amerikanish Linen. Esta mandava ao Amazonas, todos os meses, dois paquetes para transporte de mercadorias, passageiros e correspondência; aquela mantinha uma linha regular entre Southampton e Manaus, servida, mensalmente, por 3 navios de passageiros e vários cargueiros que chegavam até Quito, no Peru.

Para a América segue um navio misto cada quinze dias.

Os mencionados números talvez pareçam pequenos, hoje que aviões sem conta riscam os nossos céus. Perguntamos, todavia, quantos transportes ingleses vinham, então, ao Ceará ou a Pernambuco?

Quantos, na primeira década do século atual, sulcavam as águas do Recôncavo baiano ou alcançavam a baía de Guanabara ou chegavam a Santos, para carregar, neste já notável porto marítimo, os produtos da economia agrária do interior paulista?

* * *

Em França, *la belle époque* estava em pleno fastígio. Dominava-a, no setor do mundanismo, um conjunto de famílias aristocratas, de alta distinção e respeitabilidade, a que os cronistas do "FEMINA" costumavam denominar "**LE MONDE**". Jacques Chastenet, do Instituto ("Paris sous Fallières", Rev. História, págs. 33-41), define-o como sendo "a gente que se achava colocada na ponta extrema da pirâmide representativa da sociedade francesa de então", gente cujo lema era gozar a vida da maneira mais despreocupada e perdulária do mundo.

Uma das expressões típicas dessa época feliz, embora conturbada pelas idéias materialistas dos discípulos de Comte e de Spencer, era, sem dúvida, o irreverente Marquês de Castellane.

Interpelado, certa feita, pelo Presidente do Conselho Municipal de Paris, a propósito de *garden party* que iria dar nos arredores da Cidade Luz e que lhe custaria uma fortuna, se tal festa se destinava a homenagear algum soberano, se era reunião de caridade ou iria servir de caminho fácil para levá-lo a uma embaixada qualquer, respondeu peremptório:

— *Non, monsieur, c'est pour le plaisir!* Não, senhor, é para o meu deleite!

Esse grupo de indivíduos elegantes e pródigos que viviam *pour le plaisir*, para as alegrias da existência, formava o GRATIN, a HIGH SOCIETY, como diríamos atualmente, embora, entre ambas, entre a de ontem e a de hoje, muito pouco se possa apontar de comum em matéria de finura de espírito e sensibilidade estética.

Como se cumprisse um ritual sagrado, aquela gente comparecia, com extrema pontualidade, às exposições de arte, aos *cerecles*, ou clubes, às corridas de cavalos e concursos hípicas ou frequentava salões literários ou mundanos, instituições que foram sempre uma das mais belas tradições do espírito gaulês.

Por essa época, abriam as portas a um número assaz restrito de convidados a Duquesa de Rohan, a Condessa de Martel, cujo pseudônimo literário, GYP, ficaria célebre, firmando romances de amor, a Duquesa de Canastra e, por fim, a célebre

Condessa de Greffulhe, cujos salões eram dos menos acessíveis de França a pessoas estranhas ao **Gratin**.

O extremo rigor com que se escolhiam os freqüentadores dessas reuniões seletas e quem eram os seus convivas habituais transparecem nas palavras causticantes de outro fidalgo, o venenoso Conde Roberto de Montésquieu. Dirigiu-as, êle a certa dama estrangeira, insistente e plebéia que pleiteava ser convidada à residência da anfitriã famosa.

“— Por que desejais tal coisa? — pergunta irônico o jovem aristocrata. Por que seu salão é um dos mais elegantes de Paris? Mas, minha senhora, é preciso compreenderdes que o simples fato de vossa presença naquela casa faria com que ela deixasse, desde logo, de ser o que é.”

As reuniões sociais, promovidas por tal gente, eram faustosas e deveras dispendiosas. Uma, sobretudo, organizada por Castellane, ficou célebre na história da galanteria parisiense. Dominado pela ânsia de perfeição, nada parecia ao jovem fidalgo demasiado caro, nada assaz magnífico para dar maior brilho às suas festas.

Iluminação sàbiamente disposta, fogos de artifício, fontes luminosas, mesas cobertas das mais raras iguarias, várias orquestras, número de danças executadas pelo corpo de **Ballets** da Ópera, um verdadeiro exército de lacaios empoados e de libré vermelho - cinábrio, empunhando tochas de prata, eram as suas características mais salientes.

Foi dada no Pavilhão de Tiro aos Pombos, onde oitenta mil lanternas venezianas estavam suspensas às árvores e quinze quilômetros de tapêtes cobriam o gramado (apud Chastenot).

Pessoas exigentes e caprichosas, os senhores do **GRATIN** viviam, não em função da fama, da glória, do sucesso, da popularidade, mas sob o signo do prazer, sem licenciosidade. Gozar a existência era, como dissemos antes, a palavra de ordem, o conceito que solidarizava os elegantes de Paris.

A ambição desmedida do dinheiro, a filosofia do êxito,

implícito na vida moderna, parece não lhes turvavam a mente.

Na própria Grã-Bretanha, a carga de formalismo da era vitoriana tocara ao fim com a ascensão ao trono de Eduardo VII, o príncipe estróina e folgazão que viria a ser um dos grandes soberanos europeus e dos maiores monarcas da Inglaterra.

Fôra na mocidade um gastador impenitente e, tendo eleito a velha e famosa Lutécia por campo preferido de suas correrias amorosas, fizera-se, dêsse modo, êmulo de Leopoldo II, da Bélgica, o rei mais mundano dos tempos modernos.

Costumava êste passar fins-de-semana em Paris com heteras famosas, que bem poderiam rivalizar, em graça, beleza e cultura literária com as cortesãs mais célebres da antiguidade clássica ou com essa Taís, de Alexandria, cuja fama Anatole France perenizou; mulher que, na recordação de Pafnúcio, abade de Antinol, "exibia-se nua na cena e não hesitava em apresentar bailados cujos movimentos muito hâbilmente ritmados sugeririam o tumultuar de paixões mais hediondas..."

O velho Rei, indo às suas aventuras galantes, descia na **Gare du Nord**, sob um nome suposto, mas suas barbas de profeta bíblico o denunciavam, desde logo, a tôda a gente. Paris inteiro conhecia e perdoava as peraltices dêsse velho game-nho porque, na Cidade Luz, o amor era tudo, tinha prioridade, como diria um aeroviário.

Em França havia, é certo, também sofrimentos e torpezas, vilanias e traições; a vida era agra para os trabalhadores do campo e para a plebe urbana já numerosa, embora sem a exuberância numérica que viria a caracterizá-la nos dias correntes.

Já se pregavam intensamente a luta direta de classe e o sindicalismo com processos de defesa das classes operárias, mas a oclocracia, quase triunfante no Brasil de hoje, não era sequer sonhada como forma viável do govêrno.

As esperanças das almas rebeldes voltavam-se de preferên-

cia para o anarquismo e para o socialismo, onde viam o remédio para a totalidade dos males sociais.

A guerra russa-japonesa, que pusera em sangue e fogo o Extremo Oriente e iria marcar o início da derrocada do prestígio político da raça branca em todo o mundo, tinha chegado ao fim com a vitória das forças do Micado; deixara, porém, fundas marcas no coração do povo do Império Moscovita.

O clamor dos povos escravizados começava a estrugir e elevar-se, enchendo os ares dos quatro Continentes de ameaças veladas.

Quase tudo isso rolava, porém, muito longe das largas avenidas e dos parques bem cuidados da Cidade Luz; era um rumor distante que não lograva turvar a placidez da vida cotidiana das elites européias.

Igualmente não lhe sentiam a ameaça os itinerantes que demandavam o Velho Mundo debaixo dos mais variados pretextos. Viajava-se, então, pela Europa inteira, sem passaporte, nem carteira de identidade de qualquer natureza. O franco francês tinha curso normal, como moeda fiduciária, na Itália, Suíça, Bélgica e Espanha, o que facilitava sobremaneira a circulação humana. Havia urbanidade, comedimento e disciplina.

Os turistas norte-americanos, que anualmente caíam como nuvens de acrídeos sobre o Ocidente europeu, não se tinham ainda americanalhado por completo. Não se julgando donos do Universo, respeitavam, por isso, as velhas praxes mundanas vigentes na sociedade européia, fruto de uma evolução social multiseular. Também as regras de bom tom não eram por eles achincalhadas...

A carga de angústia, insatisfação e insegurança que oprime as gerações modernas, aliás, tão bem refletida no ritmo sincopado e desarmônico das músicas dançantes de após-guerra, não descera ainda sobre a alma das gentes, emagando-as.

* * *

Concretizados os sonhos turísticos dos mais audazes e empreendedores, vinha a seguir, o regresso; as delícias da longa viagem transatlântica, trazendo cada itinerante, a fronte iluminada pelos sóis de muitas terras, e em si, um mundo de recordações amáveis. Trazem ainda malas abarrotada de ricas mercancias européias e pequenos **souvenirs** que relembração, pelo tempo em fora, as belezas e singularidades dos lugares longamente visitados ou apenas percorridos de relance, mas suscitando, sempre, infinitas saudades dessas visões fugidias.

A chegada do navio a Belém era sempre motivo para emoções desencontradas e fortes. Os primeiros contactos com a gleba rude, aparecendo emoldurada no pátio gris de um céu quase sempre esfumado por nuvens de chuva, suscitavam, nos imigrantes recém-vindos, curiosidades e temores; aos filhos do País causavam, quando muito, arroubos patrióticos, alegrias ingênuas ou devaneios sentimentais.

Depois, surgia novamente, ante os olhos maravilhados dos viajantes que iam a Manaus, a selva misteriosa, prenhe de perigos e pejada de ritmos, melancólica e primitiva. Começando mal definida já nas orlas oceânicas, lanha-a ao meio a esteira barrenta da caudal, por sôbre cuja face rolará o navio avançando penosamente contra a corrente de vasão. Seu mover pendular, serpeando de uma margem para outra em busca de águas menos rápidas, é lerdo e monótono; semelha à vida apagada e vazia das populações tapuias cujas choças de **ubi** e **pa-xiúba** balizam precariamente as beiradas rasas da grande artéria líquida. De maneira pouco durável, exercerão, porém, as míseras moradas a missão delimitadora daqueles paralelos sem fim, porque tudo, na Amazônia, é incerto e erradio; a tudo o rio empresta o seu dinamismo avassalador. Consoante Raimundo de Moraes, o embarcadiço ilustre que, pelo convívio dos livros e diuturno contacto com a natureza, se fêz notável homem-de-letras, chegou a Inspetor Escolar e conseguiu, por fim, conquistar o prêmio de erudição que a Academia Brasileira de Letras confere aos escritores de mérito, consoante Raimundo

de Moraes, dizíamos, a “mobilidade ali contamina tudo; floresta e indivíduos, animais e habitações, líquidos e sólidos. Os vegetais são vagabundos, os povos nômades, os peixes incertos, as casas instáveis, as pedras errantes, as águas fugitivas”.

Sob o impulso trepidante da hélice, deixa **Steamer**, após quatro dias de viagem, a esteira ocrácea do Solimões e mete-se pelo Negro, onde lhe surgirá pela proa a ilha de Marapatá, de tristíssima memória. Nela, segundo a lenda, como operação proemial, despojavam-se, de todos os escrúpulos, aqueles que iam exercer atividades na terra dos Barés e dos Manóas. Ali deixavam, pois, a honra e a vergonha.

A entrada do rio negrejante, cruzara o barco a chamada zona do encontro das águas, espetáculo estranho que, durante séculos, muitos homens viram. Muitos viram mas em um apenas, Quintino Cunha, lograria despertar aquelas fortes emoções estéticas, enfeixadas depois em magnífico poemeto de decassílabos sonoros e fáceis, cujo nome é o mesmo do fenômeno singular, mas não único nos anais potamográficos brasileiros.

Alfim, alcançam os itinerantes a cidade de Manaus, exaustos pela contemplação contínua daquele cenário opulento, desdobrando-se monótonamente grandioso e infinitamente verde, sob um céu vibrante. Chegados ao porto de destino, uns, “os mansos”, os familiarizados com o meio, retomam as atividades costumeiras; os outros, os recém-vindos, dão princípio à azáfama do ganho e, mais uma vez, a luta áspera pela sobrevivência se inicia envolvendo a todos.

Falava-se muito de negócios e de política; pouco, ou quase nada, de desportos e do tempo. Trabalhava-se intensamente e o calor não era, como hoje, um tema prosaico e obrigatório, nem servia a justificar o nudismo generalizado das damas e o vestir desleixado dos nossos cidadãos de ambos os sexos.

Preocupações mais graves e sisudas absorviam as atenções do povo.

Manaus era uma terra de promessa para as criaturas laboriosas e pertinazes e, à maneira de Belém, centro cosmo-

polita de primeira magnitude. Românticos e aventureiros, filhos da nobreza européia e ínfimos párias sociais, almas varonis e ruínas humanas, conformados e rebeldes, vindos dos quatro cantos do orbe, ali se acotovelam e turbilhonam numa confusão de feira.

A multidão que lhe entope as ruas e avenidas largas, bem pavimentadas e linheiras ou espairece pelas praças e jardins, é uma mescla indefinida de tipos raciais cujas cores variam do negro retinto, do barbadiano, ao branco, do nórdico quase amêlânico. É, no fundo, incaracterística como todo amálgama étnico tendente à formação de uma raça histórica.

A ânsia do ganho está por tôda parte: É, porém, uma ânsia natural, cálida e inalterável, como revérbero de um imenso braseiro; não a ganância sórdida que hoje crepita e lava desordenada no coração dos homens, assumindo nêles tôdas as formas e todos os matizes.

Havia torpeza, vilanias e traições na Amazônia, mas o “conteúdo espiritual da época era bom, embora com as limitações inerentes ao seu condicionalismo ao tempo universal e ao espaço brasileiro”.

Cometiam-se falcatruas, mas eram fraudes ingênuas, uma vez que o peculato e o contrabando não haviam adquirido, como hoje, foros de cidadania em nosso País.

Dinheiro era, sem dúvida, a palavra mágica que estava em tôdas as bôcas, mas havia, também, preocupações honestas de cultura, de mundanismo, de conforto e bem-estar material.

Manaus foi a sede da primeira Universidade, criada em terras brasileiras...

Quando nos maiores agregados humanos das regiões sul e leste do País: Rio, S. Paulo, Salvador, Pôrto Alegre, Azêmolas mal nutridas e gafeirentas faziam mover penosamente veículos de transporte coletivo e a luz de bicos-de-gás apenas clareava ruas e casas, Manaus possuía iluminação e bondes elétricos, água encanada e um perfeito serviço de esgoto.

Reinavam inquietação de cunho estético e anseios gerais

de perfeição. Mesmo nas cidades do interior como a Lábrea, por exemplo, onde devia arrastar-se o ramerrão de vida de lugarejo, havia, diz-nos Euclides, “o requinte progressista de uma imprensa de dois jornais, o Purus e o Labrense, e o luxo suntuário de um teatro concorrido, colégios e ruas calçadas e alinhadas”.

Em Manaus, o Teatro Amazonas, monumento arquitetônico de apurado gosto artístico, abria os largos portões de madeira lavrada, para receber companhias de comédias e de óperas que jamais pensariam em descer ao Rio de Janeiro ou ir a S. Paulo, medrosas de fracasso financeiro.

Conjuntos teatrais, cujo repertório constava unicamente de óperas de Wagner, excursionam pelo Grande Vale, dando representações em Manaus e Belém para júbilo dos apreciadores da música erudita e independência econômica dos artistas que, sempre règiamente pagos, de lá voltavam ricos, quando voltavam... Para êles, *faire l’Amerique* — expressão extravagante ainda hoje usada para significar a ação de indivíduos que viajam pelo Novo Mundo com fins de ganho — era uma parada em que jogavam a vida contra jóias caras e cédulas do tesouro.

Tudo se resolvendo ordinariamente em tórno das mesas de cafés, eram os seus bares elegantes e bem providos; as mercearias que enchiam a cidade estavam sempre abarrotadas de produtos alimentícios dos mais variados tipos e procedências.

Existiu em Manaus — requinte extremo! — uma casa, a *Devaux*, destinada exclusivamente a vender vinhos franceses e que só fechou as portas com o *craque* da borracha.

Era, outrossim, a cidade um viveiro de homens do mais alto valor intelectual.

Alguns, à maneira de Vicente Reis, João Barafunda, José Maria Correia de Araújo, Saturnino Santa Cruz de Oliveira e Solon Pinheiro, exercem atividades no jornalismo político; outros militam no fôro, como Bernardino de Paiva, Simplício Coelho de Resende, Aquiles Beviláqua e Péricles de Moraes,

que, depois, dedicaria às letras seus maiores lazeres, chegando a ser considerado a mais brilhante inteligência da terra.

Havia farmacêuticos, juizes, engenheiros de notório saber, sendo que, êstes últimos, se entregavam, de preferência, ao mister de demarcar terras devolutas ou seringais em litígio.

No campo da medicina, destacavam-se, entre muitos, Ribeiro da Cunha, Carlos Bôto, Teógenes Beltrão, João Coelho de Miranda Leão, Brito Pereira, Couto Fernandes, Ayres de Almeida, Alfredo da Mata, Zeferino Rodrigues, Jorge de Moraes e, mais tarde, Adriano Jorge, médico, professor e homem de letras brilhantíssimo. São professores Plácido Serrano, Geraldo Barbosa do Amorim, D. Teonila Estelita, D. Ester Pamplona, Raimundo e Antônio Teles, Júlio Nogueira, filólogo que tanto se faria notado na Capital da República, por sua competência em questões de linguagem, Carlos Chauvin, Coriolano Durand, Artur Araújo, êste vindo das fileiras do Exército Nacional para as lides do magistério; os irmãos Araújo Lima, Benjamim, mais tarde bacharel em direito de grande projeção no Rio de Janeiro, e José Francisco, doutor em Medicina e autor do livro "Amazônia, a terra e o homem" (Rio, 1923), notável trabalho de antropogeografia.

Na política, sobressaem Afonso de Carvalho, cearense digno que chegou a dirigir o Estado como seu vice-governador em exercício e a ser figura de primeira grandeza no partido a que pertencia; Silvério e Constantino Nery, Antônio Bittencourt, Fileto Pires e Eduardo Ribeiro, homem público cuja morte continua envôlta em mistério.

Águias implumes, ainda mourejando nos bancos da escola primária ou secundária, aí viviam Demóstenes de Carvalho, Augusto e Confúcio Pamplona, os irmãos Estelitas Cavalcantes Pessoas, Alberto Sá Cavalcante, Benévolo Luz, Teodoro Damasceno Vaz e Abreu, Aristóteles Guimarães, Cosme Alves Ferreira Filho, Flávio Rubim, Antônio Barbosa, Aristóbulo de Melo e tantos outros que bem sabiam, à maneira dos colegas

citados, honrar as belas tradições humanísticas do Ginásio Amazonense.

Entre altos valores mentais, vindos de outras regiões brasileiras para fecundar com seu labor a gleba imensa, um merece particular destaque. Refiro-me ao Dr. Teixeira. Baiano, se não nos falha a memória, pertencia êle à casta privilegiada das criaturas enérgicas e dinâmicas, capazes de triunfar em qualquer meio, onde passem a exercer suas atividades profissionais. Formado em direito, teve em Manaus atuação notável na política partidária e na advocacia militante, alcançando, em ambas, posição de maior relêvo.

Era generoso e gastador, como todos os homens do seu tempo. Apontá-se, como exemplo de sua liberalidade de grão-senhor, um fato sugestivo:

Estando êle em Paris, aonde fôra negociar vultoso empréstimo para o Estado do Amazonas e recebera honorários no valor de cem mil francos-ouro, tomou-se de amôres por uma corista da Ópera, de quem se aproximou. Indo visitá-la, certa feita, deixou-lhe de presente, à porta da casa, o automóvel de luxo comprado na véspera por elevada quantia, com todos os pertences, inclusive o **chauffeur**.

Eram, assim, as pessoas ricas daqueles idos, verdadeiros aristocratas do século do Rei-Sol.

Provas maiores e mais sobejas de sua munificência daria êle, porém, em Manaus, organizando a faustosa recepção que ofereceu à sociedade amazonense.

Os grãos-senhores de Paris proporcionavam aos convidados festas deslumbrantes. Teixeira, comovido e original, quis superá-los, em requinte e singularidade, e conseguiu-o plenamente.

E para que não se perca a memória de fato tão interessante para a história dos nossos usos e costumes, deixo-o aqui registrado:

* * *

Não vamos, porém, abalar-nos a descrever a pompa material desta festa invulgar, nem as louçanias das damas que a ela estiveram presentes, mas apenas pôr em relêvo o que teve de mais original.

Ali, como na maioria das nossas recepções dos inícios do século, jovens mulheres, metidas em *toilettes* caras que lhes realçam sobremaneira os corpos espartilhados, circulam a passos lentos pelos salões desimpedidos. Conduzem-nas cavalheiros elegantes e palradores que lhes fazem cortesias e falam de amor.

Senhoritas, sentadas junto às mães, que preguiçam em cadeiras fôfas e agitam molemente leques atufados de plumas e de gazas, conversam sobre coisas frívolas, sobre essas mil futilidadezinhas que dão um encanto vago aos saraus familiares. Convenientes, mas prontas a se entreabrirem em sorrisos tímidos, aguardam o par desejado, para mais um número de dança. Estas se desdobrarão, não ao ritmo bárbaro e nostálgico de rumbas e xaxás, mas ao compasso claro e terno de polcas, *shotishs* e valsas, “meio caminho para um romance de salões”, como disse certo comentador de Braz Cubas.

Pelos desvãos das janelas ou junto aos umbrais das portas largamente abertas, moças palestram, trocando impressões discretas.

Banham-se todos em claridade forte que, descendo ao teto alto, dão relêvo aos móveis raros e aos quadros pendentes das paredes, afestoadas de flôres e de palmas. Destinam-se estas, também, a disfarçar pirâmides maciças de blocos de gelo, postos para refrescar e umedecer o ambiente, exercendo, destarte, a função hoje afeta aos aparelhos de refrigeração, na época ainda não sonhados pela mente humana.

Mesmo nos terraços e alamêdas ensaibradas que orlam a vivendo principesca, não reina a penumbra álgida e violácea de boites, agora tão comum até nas reuniões dançantes mais íntimas. Desconheciam-se as falsas delícias desses ambientes artificiais que tanto exacerbam os instintos primários da nossa ju-

ventude, predispondo-a, não à sadia tarefa da multiplicação da espécie, mas às tristes alegrias de Onã.

Tudo está profusamente iluminado por lâmpadas elétricas multicores. Dispostas com esmêro, pendem das árvores ou balançam-se, como cintilantes peras obovóides, prêsas a longos fios suspensores.

A casa, uma amplíssima vivenda solarenga, parecera ao anfitrião pequena para conter todos os seus convivas ocasionais; fêz-lhe, por isso, acrescentar um grande telheiro de alvenaria.

Ali estavam, expostos à fome e à sede dos convidados, vinhos, vitualhas e pastelarias finas.

Aquela abundância de iguarias, doces e vinhos dava à reunião tons dos festins de Baltazar ou dos opíparos jantares de Lúculo. Nela havia, porém, muito maior liberalidade, pois não sentiam os convivas a obrigação implícita de aceitar, como nos ágapes lendários, o que lhes oferecia a famulagem solícita. Podiam escolher, ao seu talante, aquilo que melhor lhes falasse ao paladar e nisso consiste justamente a originalidade, a grande, a imensa originalidade daquela festa, até hoje única nas crônicas da galanteria brasileira.

Encontrava-se ali, com efeito, o que o gourmet mais exigente e o perito mais versado em enologia pudessem desejar: comidas e pastelarias de tôdas as regiões brasileiras e vinhos das marcas conhecidas.

Não haveria, é certo, para serem servidos, corações de colibris, nem línguas de papagaios, pratos raros que uma tradição popular pretende figurarem correntemente em cardápios da Roma Imperial, nem filés de dromedários, nem sopa de ninhos de andorinhas, a suprema guloseima dos mandarins da China Imperial. Havia, porém, tudo que pudesse agradar ao paladar educado de criaturas mentalmente sãs.

Quem pedisse uma feijoada, um cuscuz ou **puchero** gaúcho seria prontamente atendido, como seriam atendidos aqueles que pretendessem apenas molhar os lábios em delicioso **charteuse**,

ou ingerir, burguesmente, copázios de cerveja alemã ou de cidra francesa.

Serviam-se casquinhos de caranguejo com **Souterne** gelado e acarajés com **Bourgogne**, de velhas safras. O **mujanguê** e o **bacon** com ovos podiam ser feitos "à minuta" e cuias de tacacá circulavam entre convivas para gáudio dos aficcionados desta estranha iguaria amazônica.

Pelos salões, o nobre **champanhe** era profusamente distribuído em taças de Bacarat.

Mas, não apenas em casa dêsse grão-senhor baiano, êmulos dos Ávilas e dos Laras paulistas, em fidalguia e liberalidade, havia festas de tão grande beleza.

Também nos clubes elegantes da cidade eram comuns reuniões festivas de alta distinção e gôsto.

Até os ricos seringalistas faziam garbo em demonstrar suas larguezas em banquetes oferecidos aos amigos. Um, que conhecemos, costumava mandar colocar garrafas de legítimas **Pau-mery** junto a cada conviva para serem bebidas como vinho branco.

* * *

A maneira dos esplendores de Mênfis e Tebas e das criações magníficas do século de Péricles, quando Praxíteles e Ictinos, tomando do prumo e do cinzel, sobem a Acrópole para restaurar, mais uma vez, a beleza imortal do Partenon; à maneira dos vastos edifícios de Persépolis, a brilhante capital dos Arquemênidas, e dos jardins reais da Babilônia, criação suntuosa da imperatriz lendária, da biblioteca de Alexandria ou do sagrado templo dos Hebreus, as opulências da Amazônia passaram para sempre.

Ruíram ao impacto da desvalorização da borracha; não deixou, porém, após si, êsse cataclismo para nós sem remédio, apenas escombros e ruínas. O Palácio da Justiça, o Teatro Amazonas, o Instituto Benjamim Constant, construídos nessa época de

opulência e fausto, ali estão para relembrar, às gerações de hoje, as belezas de uma cidade agora a debater-se na penúria e no abandono. Recordam, outrossim, tais monumentos, a profunda verdade daquelas palavras que fulgem, como uma advertência viva, nas páginas sempre atuais da "Imitação de Cristo":

SIC TRANSIT GLORIA MUNDI, que nós traduziríamos, livremente, dizendo: ASSIM PASSA A GLÓRIA DO MUNDO MATERIAL.